

DESENHO INFANTIL: UMA ANÁLISE DO CORPO E DO SUBJETIVO NO TEMPO E NO ESPAÇO

TIAGO M. DIONIZIO¹

¹ Graduando em Pedagogia, IFSP, Câmpus Boituva, tiago.dionizio@aluno.ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.08.04.00-1 Ensino-Aprendizagem

Apresentado no

10º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP ou no 4º Congresso de Pós-Graduação do IFSP

27 e 28 de novembro de 2019- Sorocaba-SP, Brasil

RESUMO: O presente trabalho teve por objetivo analisar o processo de desenvolvimento do desenho infantil buscando na teoria de Edith Derdik em seu texto "O corpo é a ponta do lápis" (2015) base para analisar empiricamente o processo criativo da criança dado seu contexto e nível de desenvolvimento psico-motor. Como resultado desta pesquisa, foi possível observar que o corpo, o espaço e o tempo são essenciais na definição do ritmo e como será a interação da criança com o ato de desenhar, sua relação afetiva com o resultado de seu trabalho e a relação que o desenho e sua ludicidade tem intrinsecamente com o desenvolvimento cognitivo e motor da criança. Este resumo expandido compreende um trabalho prático de análise do desenho desenvolvido para a disciplina de Fundamentos teóricos e prática do ensino de Arte: artes visuais e música do 5º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) do câmpus Boituva.

PALAVRAS-CHAVE: desenho infantil; desenvolvimento infantil; análise do desenho.

Children's Drawing: an analysis of the body and the subjective in time and space

ABSTRACT: The present work aimed to analyze the process of development of children's drawing searching in Edith Derdik's theory in his text "O corpo é a ponta do lápis" (2015) base to empirically analyze the creative process of the child given its context and psycho-motor development level. As a result of this research, it was possible to observe that the body, the space and the time are essential in the definition of the rhythm and how will the interaction of the child with the act of drawing, its affective relation with the result of his work and the relation that drawing and its playfulness has intrinsically with the cognitive and motor development of the child. This expanded abstract comprises a practical work of drawing analysis developed for the discipline of Theoretical foundations and practice of Art teaching: visual arts and music of the 5th semester of the Pedagogy Degree course of the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP) from the Boituva campus.

KEYWORDS: children's drawing; child development; drawing analysis.

INTRODUÇÃO

Edith Derdyk (2015) afirma que o lápis é o "sismógrafo" da criança, é o indicador de seus cataclismos, dos tremores de suas emoções e percepções, e sua prática tem por objetivo "afinar" as formas de expressar-se no mundo. Desenhar é uma atividade lúdica que, como reitera a autora reúne

“os aspectos operacional e imaginário” (p. 77), ou seja, trabalha o físico, o espacial e as regras tal qual o imaginário, o projetar, idealizar. Neste sentido este trabalho tenciona analisar em uma situação prática os princípios subjetivos e a expressão corporal da criança no espaço e no tempo em seu momento de concepção do desenho e neles encontrar os elementos comprobatórios da teoria da autora.

MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi o de observação da atividade da criança buscando analisar seu comportamento e desenho usando como base empírica o texto "O corpo é a ponta do lápis" (2015) de Edith Derdik.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenho analisado neste trabalho foi criado por D.L. de 3 anos e 3 meses, aluno de um Centro de Educação Infantil da rede municipal de Iperó. A proposta para o desenho foi dada durante a rotina do CEI, em horário dedicado à atividades lúdicas as quais ocorrem diariamente. Derdyk (2015) afirma que a importância de se repensar os espaços físicos onde a criança desenvolve o desenho “a fim de promover várias situações espaciais e corporais” (p. 68) e explana que essas experiências variadas proporcionam o domínio corporal em relação ao equilíbrio e os apoios caros à afinação do traçar no papel. Portanto, para a efetivação da atividade, dentro da sala de aula, foi permitido às crianças que escolhessem como e onde iriam se posicionar para desenhar. Foram distribuídas folhas de papel para todos e caixas com giz de cera foram dispostas pelo espaço.

A criança escolhida para protagonizar a pesquisa, D.L., escolheu sentar-se à mesa, posição que segundo a autora estabelece uma relação da criança com seu próprio corpo apoiado em seu pulso e cotovelo permitindo intercalar sua perspectiva com o seu instrumento de trabalho, o papel. D.L. colocou uma das caixas de giz próximo do lado direito de sua folha e durante o processo manteve-se em silêncio, alheio aos movimentos das outras crianças salvo algumas interações pontuais.

A criança começou com o giz preto fazendo traços meticulosos, pintando uma mancha com traços retos. Com o giz amarelo fez traços curtos e ao usar essa cor sentou-se mais expansivo, relaxado. Na sequência escolheu o giz vermelho e começou a fazer traços curtos no papel deitando a cabeça sobre a mesa enquanto pintava. Quando sentiu que havia terminado, virou a folha e concentrado começou a pintar com força com o giz cor-de-rosa. Sobre esse processo, a autora explana que muitas vezes “o estímulo motor se sobrepõe ao estímulo visual” (p. 73) mesmo sendo incentivados por esse no processo do rabiscar, no reconhecimento como criador ao passar a ponta do lápis na superfície do papel e que, atrás destes rabiscos pode existir a elaboração de um desenho.

Quando as outras crianças se aproximaram, D.L. se incomodou com a interação exaltada mas deixou que outro colega se sentasse ao seu lado para desenhar. Falou pouco durante o processo mas fez comentários sobre o giz que usava como "estou pintando com essa", "está com sujeira", a maioria foram retóricas mas falou com o colega ao lado "estou pintando rápido" e informou "estou fazendo um tubarão"; quando ajustou a caixa de giz disse "todo mundo vai pegar." e quando as outras crianças colocaram "seus tubarões pra brigarem" se levantou e também grunhiu acompanhando os colegas, mas logo se sentou e voltou a pintar com força o giz cor-de-rosa.



FIGURA 1. Primeira página (frontal) do desenho feito por D.L.



FIGURA 2. Segunda página (de trás) do desenho feito por D.L.

Ao afirmar o que estava sendo desenhado constatamos o processo de sugestão do gesto apresentado por Derdyk (2015). O tubarão de D.L. traduz suas operações mentais: “a capacidade de associar, relacionar, combinar, identificar, sintetizar, nomear” (p. 72).

Ainda no concernente às falas da criança, essa forma de expressão é colocada pela autora como uma extensão de seu trabalho, é a afirmação da sua criação ou o relato da história constante ali, relato do seu processo de criação ou até mesmo a ressignificação daquilo que foi produzido: a verbalização da criança pode ser mais rica e criativa que o próprio desenho, podendo esse ser suporte para a sugestão da narração (p. 97).

Quanto ao tempo do desenho, Derdyk afirma que esse é subjetivo e “corresponde a um tempo mental e emocional” (p. 77), nesse processo o ritmo é individual. No desenho de D.L. o ritmo de execução foi oscilante (acompanhada também da oscilação da intensidade do movimento, da ação), houve traços curtos que demoraram mais do que longos e hiatos também para se expressar verbalmente, pela interação com os colegas e até mesmo na interação com o espaço (a posição da caixa de giz, trocar de mesa) e essa questão pode ser mais notório na comparação às outras crianças que demoraram mais ou menos e tiveram ritmos completamente diferentes.

CONCLUSÕES

Concluindo essa análise, pude compreender como o corpo, o espaço e o tempo são essenciais na definição do ritmo e de como será a interação da criança com o ato de desenhar, bem como sua relação afetiva com o resultado de seu trabalho e a relação que o desenho e sua ludicidade tem intrinsecamente com o desenvolvimento cognitivo e motor da criança que, na busca por se expressar procura meios de se fazer entendida através do desenho e verbalmente, através dos enredos constantes em seus traços.

REFERÊNCIAS

DERDYK, Edith: Formas de pensar o desenho: grafismo infantil/Edith Derdyk; - 5.ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.